

Notícia da viagem aos Araweté, 13.08 ~ 25.08 1990

Eduardo Viveiros de Castro

Esta visita aos Araweté foi realizada por Eduardo Viveiros de Castro (antropólogo, Museu Nacional/ ISA); Yonne de Freitas de Leite e Márcia Dâmaso Vieira (linguistas, Museu Nacional); Eduardo Biral (dentista, FUNAI). Seus objetivos eram: (1) dar continuidade ao contato entre o pessoal do ISA e os Araweté, e avaliar as repercussões entre estes últimos da demarcação física de seu território; (2) empreender uma caracterização e descrição preliminares da língua araweté, com vistas a subsidiar projetos futuros de ensino do português e de intercâmbio cultural; (3) fazer uma avaliação da saúde bucal do grupo, bem como trabalhos de reparo e profilaxia dentária.

A equipe chegou em Altamira no dia 11.08. Ali, fiz contatos com Christian Casteñanet, diretor do Laboratório Agro-ecológico da Transamazônica, instituição resultante da associação entre o Groupe de Recherche et d'Echanges Technologiques (ONG francesa) e a EMBRAPA, que vem-se dedicando a estudar os processos ecológicos e sociopolíticos de ocupação camponesa da área de influência de Altamira atravessada pela Transamazônica. Discutiu-se ali a possibilidade de interessar o LAET em uma associação com o ISA para a realização de um *survey* ecológico do território araweté. Como a botânica do LAET (Iliana Salgado) se encontrava fora do país naquele momento, a conversa permaneceu no nível das declarações protocolares e das boas intenções genéricas; mas a idéia de uma colaboração entre o ISA e o LAET parece promissora.

Chegamos à aldeia araweté dia 13.08, ali permanecendo até o dia 25. Dedicuei-me principalmente às seguintes tarefas: (1) socialização com os Araweté; (2) atualização de mapas e censos, exploração de dados históricos e genealógicos; (3) tomada de informação junto à enfermeira do Posto sobre a situação sanitária; (4) serviços de tradução e mediação para apoio do trabalho do dentista; (4) colaboração com o trabalho das linguistas.

A população araweté havia atingido, no período da visita, a marca (recorde desde o contato) de 226 pessoas. A situação de saúde era geralmente boa, apesar de uma epidemia de malária (*vivax*) que contaminara cerca de oitenta indivíduos. Um dos problemas enfrentados pela enfermeira dizia respeito à impossibilidade de realização de diagnósticos de malária no Posto, e a conseqüente dependência de vãos ocasionais ao Ipixuna (estávamos no período da seca) para transporte de lâminas até Altamira. Na ocasião, a enfermeira esperava que lhe fosse comunicado o resultado do exame de cem lâminas que ela havia enviado a Altamira duas semanas antes. Discutiu-se a possibilidade

de obtenção de um microscópio portátil acionado por baterias, fabricado na Inglaterra. A enfermeira manifestou sua disposição em se capacitar tecnicamente para o diagnóstico local de malária, caso este equipamento seja obtido.

As atividades do dentista estão descritas em relatório separado. Minha impressão é que o trabalho de E. Biral foi plenamente satisfatório, apesar da precariedade das condições e dos equipamentos que se conseguiu levar. Surpreendi-me agradavelmente com o juízo do dentista sobre o estado comparativamente bom do grupo no que concerne à saúde bucal; em parte, isto se deve a visitas anteriores realizadas por dentistas italianos, patrocinadas pelo médico Aldo Lo Curto (voluntário que trabalhava em colaboração com a ADRA).

Quanto à demarcação das terras araweté e à sua repercussão junto ao grupo, o principal resultado a relatar é o convite formal feito por vários homens para que a equipe do ISA (em particular: E. Viveiros de Castro, C.A. Ricardo e A. Villas-Bôas) acompanhe o grupo em uma expedição de caça na próxima estação das chuvas (dezembro-março) até os limites da linha seca que separa suas terras da área indígena Fronteira-Bacajá. As conversas informais que mantive com várias pessoas permitiram-me concluir que os Araweté estão bastante conscientes da significação prática da situação de demarcação; embora a idéia de viver em um território formalmente circunscrito lhes seja tradicionalmente estranha, a analogia com o conceito de *wonzi*, 'divisa de roça' (fileira de árvores não-derrubadas que separam roças familiares contíguas), tem sido acionada para o 'processamento' conceitual da divisa leste de seu território.

A situação econômica do grupo é boa no que diz respeito ao componente nativo do sistema econômico — caça e horticultura —, mas, como sempre, precária do ponto de vista do influxo de bens industrializados. A pobreza crônica da ADRA e a recente descontinuação do apoio financeiro que vinha sendo carregado para a área Araweté pelo médico Aldo Lo Curto tornam o aporte de bens industriais incerto e ocasional. A venda de artesanato tem servido para a manutenção da pauta individual básica de consumo, mas ela depende de um esforço privado sistemático do chefe da ADRA, que tem tentado assegurar compradores regulares para a produção araweté junto a comerciantes de São Paulo, nem sempre com sucesso. A aquisição ou reposição de equipamentos coletivos, entretanto, tem deixado muito a desejar, e o sucateamento de motores, barcos e equipamentos do Posto começa a se fazer notar. Recomendo ao ISA uma reflexão sobre o tipo de expectativa criada entre os Araweté pelo médico Lo Curto, ao informar o grupo que não mais faria doação de grandes equipamentos, devido ao encerramento de seus contatos com suas bases financiadoras na Europa (na verdade, Lo Curto está voltando suas atenções para outros povos indígenas); ele teria dito aos Araweté que doravante seria

ISA pelo processo físico de demarcação de sua área, e deduzem acertadamente que isto envolveu a mobilização de recursos econômicos consideráveis — razão adicional para que esperem um comprometimento do ISA com o aporte de bens tangíveis para o grupo.

No pouco tempo livre que tive para proceder a investigações etnográficas, pude corrigir aspectos cruciais de meus levantamentos genealógicos anteriores, bem como iniciar uma exploração da memória araweté referente a seus deslocamentos e choques com povos inimigos no período pré-contato. Não posso ainda avançar nenhuma conclusão segura, mas vários indícios sugerem que os Araweté viverem por muito tempo nas proximidades da aldeia Xicrin do Cateté, e que o pequeno grupo de Araweté capturado pelos Xicrin em 1987, isolado do resto da tribo cerca de quarenta anos atrás, permaneceu próximo do território 'original' araweté, tendo sido o resto do grupo que se deslocou para noroeste na direção do Ipixuna. No momento, estou cruzando informações com o antropólogo William Fisher, que trabalha junto aos Xicrin do Bacajá, para reconstituirmos o histórico dos contatos entre os Araweté e os Xicrin.

As entrevistas voltadas para os deslocamentos araweté suscitaram um projeto que espero poder começar a realizar por ocasião da próxima visita ao Ipixuna: a gravação, transcrição e tradução de várias versões do processo de contato com a Funai em 1976, e em particular da célebre caminhada de 17 dias que ocasionou a morte de pelo menos 70 índios. A idéia é obter um depoimento o mais circunstanciado possível das condições desta caminhada, com a listagem sistemática de todos os mortos no processo, e uma caracterização geral da situação do grupo na ocasião. É essencial a obtenção de versões narradas por indivíduos que se encontravam em posições diferentes: na cabeça do primeiro grupo de Araweté que seguiu os sertanistas da Funai; na retaguarda; os que se juntaram ao Posto da Funai depois da caminhada principal, vindo de uma outra aldeia mais ao sul após um novo ataque dos Parakanã.

O trabalho realizado pelas linguistas Yonne Leite e Márcia Vieira foi, dado o pouco tempo de campo disponível, extremamente produtivo. No momento, estamos organizando os dados coletados com vistas a uma primeira descrição linguística. Mas creio poder dizer que se conseguiu: (1) uma descrição fonológica inicial; (2) um levantamento das séries pronominais e dos marcadores de co-referencialidade; (3) uma caracterização dos regimes verbais; (4) um bom levantamento dos deícticos. O sistema aspectual resta largamente por explorar, bem como as estruturas de subordinação e outros processos supra-frasais. Os resultados obtidos serão comunicados ao ISA até dezembro

vinculou. Na medida em que a professora do Fostio se encontrava fora da área, não foi possível uma avaliação consistente dos resultados obtidos por ela; entretanto, as linguistas puderam fazer algumas inferências gerais que constarão do seu relatório.